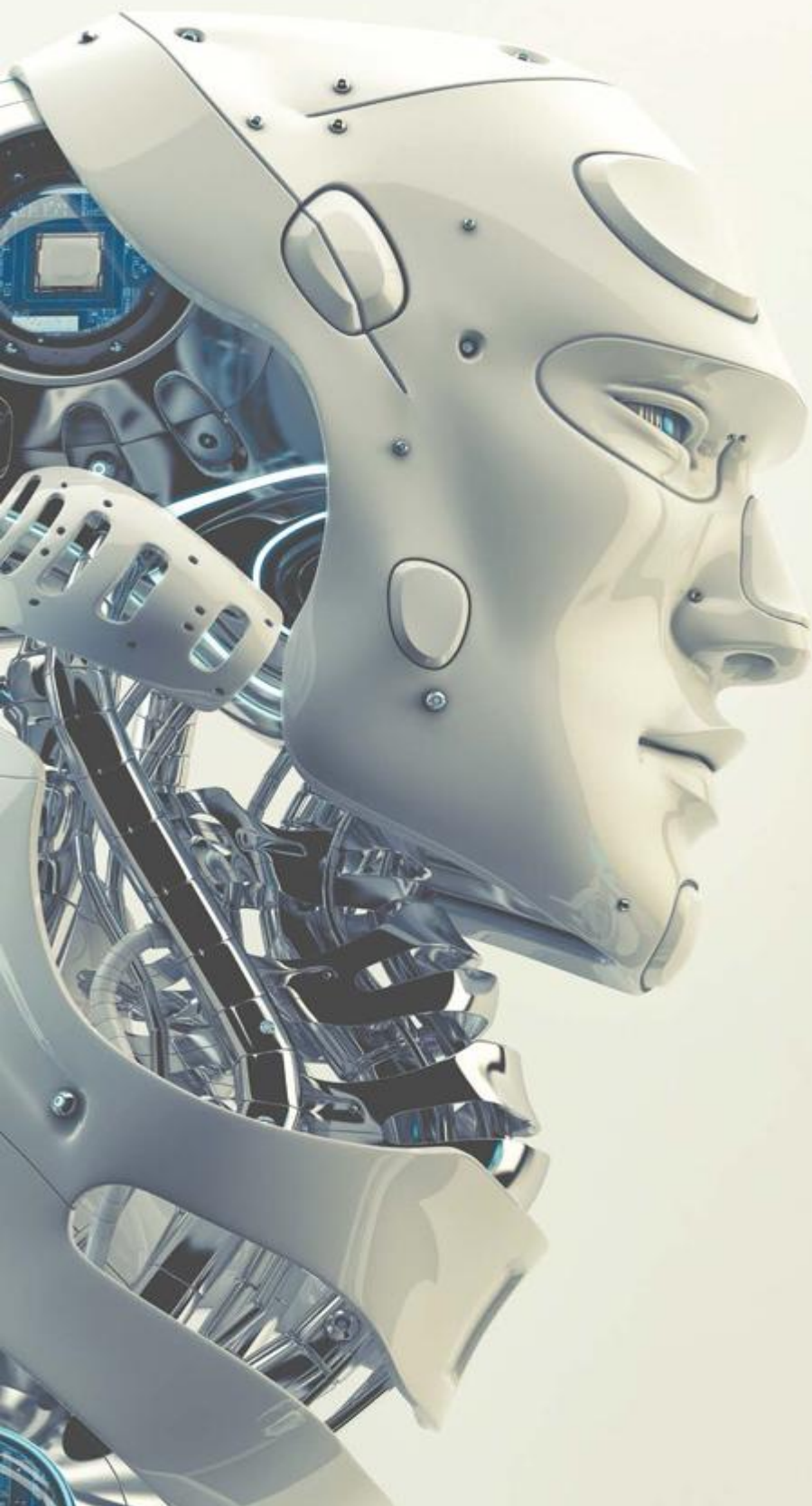


# A realidade de Madhu

Melissa Tobias



**TALENTOS**  
DA LITERATURA  
BRASILEIRA



Melissa Tobias

# A realidade de Madhu

TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA



São Paulo 2014

Copyright © 2014 by Melissa Tobias

Coordenação Editorial Leticia Teófilo  
Diagramação Luiz Fernando Chicaroni  
Capa Monalisa Morato  
Preparação Ana Lúcia Neiva  
Revisão Fabrícia Romaniv

Texto adequado às normas do Novo Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Tobias Melissa

A realidade de Madhu / Melissa Tobias. -- Barueri, SP:  
Novo Século Editora, 2014. -- (Talentos da literatura brasileira)

1. Ficção brasileira I. Título II. Série.

14-10146

CDD-869-9308762

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira 869.9308762

2014

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À  
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

CEA - Centro Empresarial Araguaia II

Alameda Araguaia, 2190 - 11º andar

Bloco A - Conjunto 1111

CEP 06455-000 - Alphaville Industrial - SP

Tel. (11) 3699-7107 - Fax (11) 3699-7323

[www.novoseculo.com.br](http://www.novoseculo.com.br)

[atendimento@novoseculo.com.br](mailto:atendimento@novoseculo.com.br)

*Este livro é dedicado aos meus filhos, Luan e Khaled.  
Espero que eles nunca percam a magia e o encanto  
da infância.  
Que nunca deixem de sonhar.*



# AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu amado marido, Fauze, por acreditar em meu audacioso sonho de ser escritora. Sem seu apoio, este sonho não teria se concretizado.

Minha mãe, Maria Ornélia, foi quem me introduziu no fascinante universo da literatura. Ela sempre estará presente em meus agradecimentos.

Não posso deixar de agradecer Drunvalo Melchizedek, físico, matemático, inventor e pesquisador. Seus ensinamentos sobre Geometria Sagrada, Flor da Vida (o padrão de criação de tudo o que existe) e Mer-ka-ba me inspiraram profundamente.

Agradeço também ao escritor e pesquisador André de Pierre pelo apoio, encorajamento e inspiração.



# PREFÁCIO

*A sabedoria deste trabalho, como um instrumento de aplicar colírio, tem aberto os olhos do mundo inquisitivo cegado pela escuridão da ignorância.*

*Como o sol dissipa a escuridão...*

Mahabharata – Livro 1 – Adi Parva

O que é real? O que é sonho? A autora Melissa Tobias presenteia a literatura brasileira com uma obra em que a realidade não pode ser explicada por um conceito universal, pois cada pessoa é única e vive uma experiência ímpar, sendo o sonho parte dessa existência. O desejo individual reprimido extravasa nas mentes cheias de imperfeições e angústias.

O consciente existe e faz suas escolhas, e a capacidade da criação da mente é infinita – essa é a causa que faz girar a roda desse brilhante livro. O espaço ao qual nomeamos como real, aquele que vivenciamos a cada dia, pode ser resumido em uma única frase: o universo é infinito de universos finitos.

O livro *A Realidade de Madhu* nos encaminha por uma jornada que somente a ficção científica pode conduzir as mentes sedentas por sabedoria.

Felizmente, os novos autores brasileiros começam a se aventurar por esse estilo ainda pouco divulgado na nossa literatura.

A ficção científica tem o dom da profecia, e os autores mais famosos do gênero inspiraram pesquisadores de diversas academias em inventos e teorias variadas. Por isso, eles têm em mãos um instrumento magnífico de criação, expandindo suas mentes por multiuniversos.

Como pesquisador e escritor, vejo nessa composição uma forma inteligente de enxergar o estudo sobre vida extraterrestre e algumas respostas às perguntas que assolam todos os homens e mulheres que passaram pelo planeta Terra: de onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vamos?

Também é possível observar nessa obra uma resposta lúcida ao Paradoxo de Fermi: "Se a probabilidade da existência de vida extraterrestre inteligente é tão grande, por que não há suficientes evidências de sua existência?". Como explicado na resposta mais famosa a esse Paradoxo, a Hipótese do Zoológico, de John A. Ball, há uma política relativamente universal, jurídica e cultural entre a pluralidade de civilizações extraterrestres que exige o isolamento das civilizações em planetas com menor estágio de desenvolvimento, sendo assim, as civilizações partem de um único ponto, evoluindo em semelhantes padrões culturais, e quando divergem são corrigidas ou aniquiladas por aqueles que

estariam a frente de todos, e quem seriam estes? Estes seriam os inventores da primeira civilização ou criadores, aqueles que contaminam todo o universo com uma “coisa estranha” chamada Vida.

Os escritores podem não ter a prática dos grandes construtores, mas com certeza possuem a força inefável da retórica. O dom da criação infinita que assume um papel preponderante no pensamento humano através da pena ágil, crítica e aguçada, dá-diva essa concedida à escritora Melissa Tobias, que nos oferta um texto sábio, fluído e divertido, impossível de abandonar antes que se leia a última palavra!

André de Pierre

*Nasceu em 1981, na cidade de São Paulo, Brasil. É escritor, pesquisador de mitos e escrituras de antigas civilizações, com foco especial na civilização Suméria, colaborador da “Revista UFO” e conferencista. Apaixonado pela vida, encontra sua inspiração na arte, na música, na natureza e principalmente em histórias de povos antigos.*

“Todas as religiões do mundo estão falando da mesma Realidade. Elas usam palavras diferentes, mas há somente um Espírito se movendo através de toda a vida. Pode haver diferentes técnicas para chegar lá, mas há somente uma que é real e, quando você está lá, você sabe. Qualquer que seja o nome que você dê a ela – você pode chamá-la de diferentes nomes – é tudo uma coisa só.”

Drunvalo Melchizedek

# Capítulo 1

Tempo cronológico no planeta Terra:  
setembro, ano de 2019.

*Ela sabia que tinha de fugir de lá antes que o médico voltasse. Ele era perigoso e poderia tentar lhe matar.*

*Assim que viu a oportunidade de fugir, saltou da cama hospitalar. Estava descalça, sentiu o frio gélido na sola de seus pés ao tocarem no piso branco de ladrilho. Usava somente camisola, mas não tinha tempo a perder procurando uma roupa. Tinha de fugir daquele hospital, rápido!*

*Abriu lentamente uma fresta da porta para dar uma espiada. O corredor estava vazio. Podia sair.*

*Ao sair, observou o número na porta de seu quarto, era o 33. Começou a correr na direção do quarto 32. Correu por vários corredores procurando uma saída, mas não a encontrava. Estava perdida.*

*Cansada de correr, parou para respirar e pensar por qual lado deveria seguir. Olhou para os dois lados do corredor e então viu uma porta à frente. Estava diante do quarto 33, o seu quarto!*

Assim que abriu os olhos, Madhu ficou confusa, o sonho fora muito real. Olhou ao redor e só então percebeu que não se lembrava de onde estava. Não entendia como havia chegado naquele peculiar espaço. Estava pávida com a situação. Usava sua calça jeans surrada preferida, uma camiseta *baby look* verde com estampa do Mestre Yoda de *Star Wars* e o velho tênis *All Star* vermelho.

Encontrava-se sozinha naquela distinta e impecável alcova. Tudo naquele espaço era impecavelmente branco, até mesmo o leito no qual acordara. Apesar de aparentemente ser feito de pedra, era confortável, tinha temperatura agradável, parecia macio, o que era ilógico, como tudo naquele lugar.

A farta iluminação vinha das paredes. Sem nenhum foco principal, toda a parede reluzia. Não havia nada que parecesse habitual.

Sentou-se lentamente, pois sentia seu corpo pesado e uma leve tontura. Olhou ao redor novamente à procura de uma porta. Não havia nenhuma. Havia apenas um aparato anômalo ao lado do leito que estava centralizado na alcova. Observou adesivos dourados de formato triangular fixados em sua testa e na parte medial de seu antebraço. Teve o impulso de retirá-los, não sabia o que era aquilo.

Ao remover o adesivo da testa, notou que o mesmo se assemelhava a um chip de celular. Ele possuía terminações douradas, era maleável, resistente e flexível. Puxou os demais adesivos insólitos

de seu antebraço e se concentrou para lembrar como foi parar naquele inabitual local.

Sua última lembrança era dirigir seu velho Fiat 500c branco perolado, numa estreita estrada de terra, a caminho do haras que pertencia ao grande amigo de seu pai. Madhu adorava montar a cavalo e quase todos os fins de semana passava ótimos momentos cavalgando nas colinas verdes da grande Fazenda Harmonia, que ficava a apenas vinte minutos de sua casa.

Madhu sempre morou com a família numa chácara, num condomínio fechado na cidade paulista de São Roque. Grande parte do residencial era formado pela Mata Atlântica, área de preservação florestal e soltura de animais protegidos pelo Ibama. As chácaras mantinham longa distância umas das outras, sendo separadas por vegetação virgem, dando a impressão de estarem isoladas dentro de uma floresta. Madhu sempre gostou de viver em contato íntimo com a natureza. Cresceu brincando entre árvores, pisando com os pés descalços na terra, nadando no pequeno riacho que corria atrás de sua rústica casa de madeira, a qual era pintada de amarelo ouro.

Ela estava cursando o primeiro ano de Arquitetura na Universidade Bela Artes, em São Paulo. De segunda a sexta, viajava sessenta quilômetros até São Paulo, assistia às aulas e voltava. Ter contato diário com uma grande metrópole caótica e poluída fez Madhu valorizar ainda mais o fato de viver isolada numa chácara com sua família.

Atordoada e confusa, só então Madhu percebeu que estava com a boca seca e muita sede. Quando começou a se levantar do leito para procurar uma saída, teve um sobressalto ao ouvir uma suave voz masculina atrás dela.

– Não acho uma boa ideia se levantar, ainda está muito fraca.

Virou-se assustada na direção da voz. O rapaz tinha uma aparência excêntrica e angelical. *De onde ele saiu, ou melhor, entrou?*, pensou Madhu.

– Que lugar é esse? Como vim parar aqui? – perguntou Madhu, ansiando por uma resposta.

Hipnotizada pelos grandes olhos cor de fúcsia do estranho e sua beleza exótica, um tanto celestial, Madhu não conseguia deixar de olhá-lo. Ele tinha cabelo loiro platinado, liso até os ombros, parecia ter cerca de vinte e cinco anos de idade. Um imponente jovem atlético de aproximadamente dois metros de altura, com traços angelicais, vestindo uma túnica branca com uma estampa de um pequeno dodecaedro dourado no peito.

– Sou o Dr. Behosa Prakasa, cientista da nave Shandi33, na qual nós estamos. A senhorita Madhu não deveria ter retirado os infropectos – disse o cientista.

Aproximando-se do excepcional aparato ao lado do leito onde Madhu permanecia sentada, o excêntrico cientista Dr. Behosa pinçou com os dedos uma tela holográfica que possuía diversos códigos desconhecidos para terráqueos. Ele digitou rapidamente

alguns códigos, e a máquina robótica alienígena ejetou adesivos idênticos aos que Madhu havia retirado de sua testa e antebraços.

Eram tantas as perguntas na cabeça de Madhu, que ela nem sabia por onde começar. Mas, por mais absurdo que pudesse parecer, ela não estava assustada. A simples presença do cientista de ar angelical a acalmava, ele transmitia segurança e confiança.

– Eu só vou deixar você grudar esses *negócios* em mim depois que responder às minhas perguntas. Como vim parar aqui? O que quis dizer com nave? Por que não me lembro de nada que aconteceu? E para que servem esses negocinhos que quer grudar em mim? – questionou Madhu, ansiosa.

– Estamos em uma nave intergaláctica, que é uma nave espacial projetada para viajar por toda a nossa Galáxia. Quando necessário, também viajamos para outras partes do Universo e até mesmo fora dele – respondeu Behosa. – O trauma ainda lhe impede que se lembre dos últimos acontecimentos que se passaram com você no planeta Terra. O que chama de *negocinhos* são os infropectos. Servem para sua segurança, pois monitoram seu estado de saúde física, mental e emocional.

Madhu ficou estática por uns minutos para digerir a peculiar informação recebida. Não poderia estar sonhando, pois se sentia mais lúcida e viva do que nunca. Talvez tudo aquilo se tratasse de uma experiência científica psicológica na qual era cobaia. Mesmo assim, não fazia sentido. Nada ali

fazia sentido. Mergulhada na sua frustrante reflexão, Madhu nem se deu conta que o Dr. Behosa já havia fixado os infropectos na parte medial de seu antebraço branco. Questionou-se se seria possível aquele belíssimo homem estar dizendo a verdade. Ela tinha de descobrir.

– Está me dizendo que fui abduzida? – perguntou Madhu, olhando o infropecto grudado em seu antebraço.

– A senhorita Madhu foi abduzida pelo próprio bem e pelo bem de todos.

O Dr. Behosa estava ansioso para que Madhu acordasse. Tinha grandes interesses no DNA dela. E Madhu era perfeita e única para seu audacioso projeto: uma jovem de 19 anos, com um metro e setenta e seis centímetros de altura, silhueta longilínea, pesando apenas cinquenta e sete quilos. Tinha o cabelo ruivo acobreado comprido e ondulado, caído quase até a cintura, pele muito branca, cheia de sardas no rosto, ombros e braços, uma invejável boca carnuda, nariz arrebitado e olhos cor amarelo âmbar. Mas o que interessava para Behosa era a alma de Madhu, o seu raríssimo DNA etéreo, cujas preciosas informações estavam guardadas em seu DNA físico.

– Espera aí, como sabe meu nome? – quis saber Madhu, se dando conta de que em nenhum momento havia dito seu nome.

– Não é a primeira vez que a senhorita acorda neste laboratório. Estamos monitorando você há algum tempo.

*Ah, que ótimo!*, pensou Madhu com sarcasmo. – Pelo menos existe água neste lugar? – indagou Madhu. Estava com tanta sede que acreditava ser esse o motivo de estar com seu discernimento prejudicado.

Terminando de fixar o último infropecto na testa de Madhu, Dr. Behosa digitou novos códigos na tela holográfica e o exótico aparato ejetou um cone de titânio cheio de água.

– É uma água especial, medicinal, vai fazer você se sentir melhor. Beba tudo. Precisamos ir – informou Behosa.

Madhu verteu toda a água de uma só vez. E o Dr. Behosa tinha razão. Madhu se sentia muito melhor depois de beber a suspeita água medicinal, todo o seu mal-estar passou.

Behosa pegou o cone de titânio vazio das mãos de Madhu e o devolveu ao aparato alienígena. Seguiu no sentido da parede e, antes que se esbarrasse nela, ela se abriu de cima para baixo, sem produzir nenhum ruído, revelando um enorme corredor iluminado pelas próprias paredes.

– Vamos! – chamou o Dr. Behosa ao ver que Madhu continuava sentada, sem acreditar no que via.

Madhu seguiu o Dr. Behosa curiosa.

– Vamos? Para onde? – a garota queria saber.

Behosa ignorou Madhu e continuou andando em passos largos com suas longas pernas. Madhu acelerou os passos para acompanhar Behosa.

Não andaram muito no corredor e logo entraram num vasto compartimento de paredes brancas

radiantes. O compartimento espaçoso parecia não ter teto. Olhando para cima, Madhu só conseguia ver um breu fantasmagórico. Bem no centro do colossal compartimento havia uma grande nave em formato tetraédrico estrelado com uma das pontas abertas e uma escada que dava acesso ao centro da estrela de cor violeta radiante.

Madhu acompanhou Behosa e ambos entraram na nave estrelada, que levantou voo ultrapassando a escuridão fantasmagórica até alcançar nova luz e voar na posição horizontal. A nave estrelada passou por corredores bem iluminados. Ultrapassando o final do último corredor percorrido, começou a sobrevoar o céu de uma imensa floresta.

*Como é possível?*, pensou Madhu, confusa. Havia dois maravilhosos sóis no lindo céu rosa. Um grande sol vermelho e outro pequeno sol amarelo vivo. Também se via um rio com águas verdes bem claras, onde golfinhos saltavam alegremente, pareciam estar tentando seguir a nave estrelada. Era a paisagem mais paradisíaca que Madhu já havia visto. Ficou extasiada.

– Saímos da nave? É tão... mágico! Que planeta é esse? – indagou Madhu, estupefata.

– A Floresta Lavy fica dentro da nave Shandi33. O céu é imagem holográfica. Mas todo o resto é real.

Nada daquilo parecia real para Madhu. Tamanha beleza e paz a fez se esquecer de questões importantes como seu pai César e sua irmã Natasha, que deviam estar preocupados com o seu sumiço. E ainda

havia muitas outras questões sem respostas, como o fato de olvidar-se de seu trajeto até aquela esplêndida e colossal nave alienígena.

Aquele lugar anesthesiava qualquer preocupação presente possível. Era como estar no paraíso citado na *Bíblia*. A verdade era que Madhu não estava nem um pouco com pressa de voltar para casa.

Enquanto sobrevoavam a primorosa Floresta Lavy, testemunhando suas formosas cachoeiras e desmesuradas árvores, Madhu começou a questionar Behosa, pois sua curiosidade sobrepunha a hipnótica visão da floresta.

– Quanto tempo eu fiquei inconsciente aqui na nave? – inquiriu. Era difícil para ela acreditar que estavam dentro de uma imensa nave.

– Foram vinte e três minutos no tempo cronológico de Shandi33 – respondeu Behosa.

– Meu pai vai ficar preocupado quando notar minha falta – disse Madhu, num semblante de preocupação.

– Não se preocupe. Quando voltar ao seu planeta só terá passado poucos segundos fora dele.

Madhu não conseguia duvidar do Dr. Behosa. Por mais absurdas que fossem suas respostas, aquele ser com ar angelical parecia ser incapaz de mentir. E ela já estava começando a se adaptar à estranheza alienígena do imaginável tomando formas ao seu redor.

– Qual é o tamanho desta nave, a Shandi33? – perguntou Madhu. Parecia um tanto ilógico uma

floresta tão grande caber dentro de uma nave intergaláctica.

– A Shandi33 possui um raio de 1.326 quilômetros. Um pouco menor que o satélite de seu planeta.

– Uma nave esférica? – tentou descobrir Madhu, numa admiração de incredulidade.

– Dodecaédrica estrelada na verdade – respondeu Behosa.

A espaçonave estrelada na qual sobrevoavam o interior de Shandi33 atravessou uma grande cachoeira, penetrando em uma caverna rochosa de tom perolado, onde a espaçonave pousou. A caverna se escondia atrás do formoso véu de águas cristalinas que caía de forma graciosa no despenhadeiro abaixo. Uma das pontas da nave estrelada se abriu.

– Venha! – chamou Behosa, saindo da nave estrelada.

O interior da caverna estava iluminado com diversas lagartas bioluminescentes, dando um efeito parecido com um céu estrelado. Os dois caminharam caverna adentro, que acabava numa grande parede de rocha lisa perolada. Esta se abriu, revelando uma cidade. Atravessaram a abertura, entrando num charmoso beco com ares de uma cidade pequena do interior da Inglaterra, muito bem arborizado.

As poucas pessoas que andavam no beco pareciam humanos normais como ela, e não um ser exótico como Behosa.

– Humanos? – procurou conhecer Madhu, se referindo às pessoas que andavam distraidamente no beco, trajadas de túnicas ou macacões justos.

O grande paredão de rocha se fechou às suas costas e sua forma estrutural rochosa mudou para um paredão de tijolos rústicos coberto de musgo.

– Híbridos e andróides – respondeu Behosa. – Esta é a Ala11. Os híbridos nomearam esta Ala de Shambala.

– A cidade perdida dos tibetanos? – perguntou Madhu, manifestando comoção. Conhecia a lenda budista da cidade perdida dos deuses.

– Não, nem mesmo semelhante. Deram-lhe este nome pelo significado do mesmo. Teremos de pegar uma *vinamaxi*. Andando demoraria três horas para chegarmos ao nosso destino – falou Behosa, seguindo em direção ao que parecia um *jet ski*, que, no local de um volante, havia um painel radiante.

A *vinamaxi* parecia se equilibrar flutuando sobre a calçada. Behosa subiu na frente, espalmou a mão sobre o painel radiante e olhou para Madhu.

– Suba – mandou Behosa, de forma autoritária.

– Para onde estamos indo? – inquiriu novamente enquanto subia na *vinamaxi*. Quando se sentou, uma esfera de vidro envolveu toda a *vinamaxi* e seus dois passageiros.

– Para sua nova e temporária casa – respondeu Behosa, fazendo a *vinamaxi* levantar voo.

Madhu segurou firme na alça de apoio à sua frente, sentindo a adrenalina subir conforme a *vinamaxi* ganhava altitude e velocidade. A *vinamaxi* era bem diferente da nave estrelada a qual nem se sentia que estava voando, pois a força centrípeta

era nula em seu interior. Já a *vinamaxi* parecia uma moto voadora em alta velocidade. Mesmo sentindo a emoção começar a correr em suas veias, tinha de investigar a razão de ter sido abduzida. Voltou a questionar Behosa.

– E se eu não quiser ficar? – articulou Madhu, na tentativa de descobrir se tinha alguma escolha.

– Crianças não têm sabedoria suficiente para saber o que é melhor para elas. Não tem querer, vai ficar. Não temos mais tempo para erros infantis.

Ser chamada de criança irritou Madhu profundamente, pois desde que sua mãe adoeceu de câncer e ficou em coma induzido no hospital, sem chance de voltar a viver, foi Madhu, com apenas treze anos, que teve de decidir por sua eutanásia. Seu pai estava depressivo demais para qualquer decisão, e sua irmã ainda era muito pequena. Seu pai sempre teve uma postura irresponsável e infantil, incapaz de se lembrar até mesmo de pagar uma simples conta de luz. Era um artista, pintor, que se refugiava em suas artes e se esquecia da vida, das filhas, de comer. E, com a morte da esposa, seu alicerce, se refugiou ainda mais em suas pinturas, estava depressivo. Era Madhu quem cuidava dele. Como se já não bastasse ter de cuidar da irmã de nove anos, seu pai lhe dava ainda mais trabalho que a irmã caçula.

– Eu não sou criança! E posso saber quem é que decidiu me confinar nesta nave alucinógena e por quê? – questionou exaltada.

– Tudo ao seu tempo, senhorita Madhu. Terá todas as respostas em breve.

– Dr. Behosa, me faça um favor? Não me chame de *senhorita*, é só Madhu.

– Como queira. E não precisa me chamar de *doutor*, é só Behosa.

Os dois ficaram em silêncio o restante da viagem. Madhu não conseguia tirar os olhos da extraordinária paisagem que se via logo abaixo, com lagos de águas cristalinas em parques floridos, árvores com folhagens alaranjadas e magentas, o céu holográfico ao alto num tom de lilás e mais ao horizonte num tom alaranjado com o grande sol vermelho se pondo.

Apesar da exaltação por não obter respostas, Madhu nunca se sentiu tão viva e tão feliz. Sentia uma paz profunda, sentia vontade de chorar de felicidade. Sentia que estava finalmente em casa.

Behosa estacionou a *vinamaxi* em frente a um charmoso chalé que parecia ter saído de um conto de fadas. O local era muito arborizado com enormes e majestosos pinheiros, árvores frutíferas desconhecidas e outras floridas totalmente tomadas por flores amarelas, rosas, lilases. Era como ver um chalé escondido num bosque encantado.

Em sintonia com o bosque, a fachada do chalé era de pedras rústicas cobertas de colmo e com uma encantadora chaminé que se erguia bem ao alto. As grandes janelas mais pareciam portas duplas. Trepadeiras floridas subiam contornando o arco da grande porta verde-musgo de entrada. Era uma casa perfeita para Madhu, combinava com seu gosto, com sua personalidade.

– É aqui – informou Behosa, apontando a casa com o queixo.

– É perfeita – constatou Madhu, admirando a arquitetura rústica da fachada de sua nova casa de conto de fadas.

Assim que Madhu e Behosa desceram da *vinamaxi*, uma garota de aparência de adolescente rebelde extravagante abriu a porta. A jovem estava com as mãos sujas de tintas, seu cabelo crespo loiro platinado preso num rabo de cavalo chamava a atenção. Ela sorria e caminhava em passos largos na direção de Madhu.

– Até que enfim, Behozito! – disse a extravagante jovem, dando um amistoso soco no ombro de Behosa. – Estava demorando. Sabe que não gosto de morar sozinha. Melhor uma terráquea do que nada.

A garota pegou Madhu de surpresa com um abraço. Madhu sutilmente retribuiu o abraço.

– Pode me chamar de Liv. E já pode tirar os infropectos, não precisa usá-los em Shambala – disse Liv, que usava um macacão branco justo no corpo, revelando curvas perfeitas.

– Madhu – disse seu nome em cumprimento. – E, afinal, para que servem esses adesivos mesmo? – perguntou. Ela nem se lembrava que estava com os infropectos colados na testa e nos antebraços. E começou a tirá-los.

Liv, Madhu e Behosa seguiram para dentro do chalé, entrando numa aconchegante sala que mais parecia um estúdio de pintor, com cavaletes, telas e

tubos de tintas por toda parte. Liv não parecia ser muito organizada, havia deixado o godê de pintura sobre o sofá que estava coberto com uma manta completamente manchada de tintas, formando acidentalmente figuras exóticas abstratas muito coloridas.

Enquanto os três seguiam para dentro da sala, Liv tomou a iniciativa de responder à pergunta de Madhu:

– Os *puros*, como chamamos quem não é híbrido, têm medo de nós, seres emotivos – disse, revirando os olhos. Acham que podemos atacá-los feitos psicopatas a qualquer momento. Então eles implantam os infropectos em nós para nos manter sobre controle quando temos de sair da linda prisão Shambala para outras Alas da Shandi33. Caso você se torne uma ameaça para a Shandi33 ou para qualquer tripulante, os infropectos vão fazer você apagar.

– Esqueceu-se da parte que monitoramos a saúde dos humanos com os infropectos, que injeta substâncias curativas, se necessário – acrescentou Behosa, em pé, na soleira da porta, dando a impressão de que estava com pressa para ir embora.

– Behozito, você sempre só conta o lado bom da história. Garanto que ainda não contou a ela que de agora em diante ela é uma ratinha de laboratório prisioneira – disse Liv, provocando Behosa.

– Preciso ir – informou Behosa, que realmente estava com pressa. – Madhu, amanhã ao nascer dos sóis, Nero virá buscá-la e levá-la para conhecer sua

conselheira. E Liv, não encha a cabeça da Madhu com suas teorias conspiratórias sem cabimento. Namastê, meninas! – disse Behosa, dando as costas e indo embora.

– Espera aí! Você me deve algumas respostas. E que negócio é esse de conselheira? – perguntou Madhu.

Behosa subiu na *vinamaxi* e partiu, ignorando as perguntas da Madhu, que se mantinha em pé na soleira da porta vendo a *vinamaxi* levantar voo e sumir no lindo céu de Shambala.

– Não liga, é o jeito dele, sempre com pressa, sempre sem tempo para nós, inferiores seres emotivos. Mas venha, vou lhe mostrar seu quarto – disse Liv, puxando Madhu pela mão em direção à escada. – Você está com fome? – quis saber enquanto subiam as escadas.

– Huummm... – Madhu não sabia se estava com fome. Eram tantas as novidades, que comer seria a última coisa a pensar.

– Acabei de colher shishades, é a fruta mais doce e suculenta que temos, melhor que chocolate, que não temos nem faz falta. Ah, preciso levá-la para a praia amanhã. É holográfica, não é mar de verdade, mas dá para nadar. Vai ter uma festa, tem gente curiosa para conhecê-la. Você é a única terráquea de toda a Shandi33! Em Shambala, somos todos híbridos ou andróides, menos você, claro! Em outras Alas temos os *puros*, que não têm misturas de DNA. E tome cuidado para não confundir

híbridos com andróides. Os andróides são insensíveis e alguns não têm pênis...

Madhu parou de escutar sua nova amiga alienígena ao ouvir a palavra *pênis*. Ela não parava de papear enquanto subiam a escada. Madhu sentia-se cansada, e tudo que ela queria era que a Liv parasse de falar sobre festa na praia com andróide sem pênis e lhe contasse o que realmente importava. O que ela estava fazendo naquele lugar?

As duas entraram em um quarto bem simples, rústico e acolhedor, com poucas mobílias. No centro, estava uma cama *king size* e diversas almofadas com estampas coloridas sobre ela. Um grande espelho fixado na parede lateral de pedras chamava a atenção, dando a ilusão de uma dimensão maior do quarto. Um banco estofado vermelho estilo colonial estava na frente do espelho, e logo ao lado um grande baú velho trazia o charme da era medieval ao dormitório. Duas grandes janelas estavam abertas, revelando uma bela vista do jardim florido.

– Aqui é o seu quarto. Suas roupas foram clonadas, estão todas no baú. Não precisamos de xampu nem sabonete. A água esteriliza e limpa tudo, e deixa os cabelos sedosos. Menos o meu, que é terrível, nada deixa meu cabelo sedoso – disse a tagarela alienígena.

– Desde quando está morando aqui? – Madhu precisava investigar.

– Aqui na casa, aqui em Shambala ou aqui na Shandi33?

– Na nave.

– Eu nasci aqui, em Shandi33, no laboratório da Ala45. Sou híbrida, metade DNA de terráqueo, outra metade DNA siriano. Sou fruto de um experimento para uma nova espécie mais evoluída de terráqueos. Pelo menos é isso que dizem. A diferença de uma híbrida, como eu, para uma terráquea, como você, está mais na porcentagem da utilização da mente e na longevidade do corpo. Por exemplo, eu aprendi seu idioma medíocre em duas horas. Um terráqueo não conseguiria isso. E posso viver em média setecentos anos neste corpo.

– Onde estão seus pais? – tentou saber Madhu.

– Nossa sociedade é diferente da sua, terráquea. Não temos pais, nascemos em laboratório, de dentro de uma cápsula bolha e não de dentro de um útero. Eca! Não nos interessa saber quem foi o nosso doador de DNA.

– Quem cuidou de você quando era apenas um bebê?

– Minha conselheira e seus auxiliares. Cada criança híbrida possui um conselheiro. Cada conselheiro tem como dever educar sete crianças. As crianças vivem na Ala7. Depois que deixam de ser crianças, são trazidas para Shambala e não necessitam mais de conselheiros. Mas você, pelo jeito, precisa.

– Liv, eu preciso saber, me conte tudo, nem sei por que estou aqui. O que eles querem de mim? Você sabe?

– Não sei, só tenho teorias e suspeitas. E a sua conselheira me orientou para eu não lhe dizer nada. Ela mesma quer explicar. Se eu disser a minha teoria sobre esse assunto, tomo uma advertência. E não preciso de mais uma na minha lista de advertências, poderia perder algumas regalias importantes, como liberdade para sair de casa e voltar quando eu bem quiser. Sua presença aqui é um mistério. Os cientistas estão sempre cheios de segredinhos. Melhor você descansar. Tenho certeza de que amanhã Nero vai passar aqui bem cedo, e você ainda deve estar com a substância calmante liberada pelos infropec-tos no sangue. Sua conselheira vai poder responder todas as suas perguntas. Faça perguntas inteligentes e não idiotas de terráqueos sem noção.

Liv saiu do quarto e fechou a porta, deixando Madhu sem respostas e ainda mais confusa.

Madhu se sentia extremamente sonolenta e cansada. Devia ser efeito de alguma droga no organismo, como disse Liv. Não teve outra escolha a não ser se jogar na cama e dormir.

PELA PRIMEIRA VEZ, NÃO HAVERÁ VITORIOSOS.  
O FIM DAS POLARIDADES ESTÁ PRÓXIMO.

Neste surpreendente romance de ficção científica, Madhu é abduzida por uma nave intergaláctica. A bordo da colossal nave alienígena, fará amizade com uma bizarra híbrida, conhecerá um androide que vai abalar seu coração e aprenderá lições que mudarão sua vida para sempre.

Madhu é uma Semente Estelar e terá que semear a Terra para gerar uma Nova Realidade que substituirá a ilusória realidade criada por Lúcifer. Porém, a missão não será fácil, já que Marduk, personificação de Lúcifer na Via Láctea, com a ajuda de seus fiéis sentinelas reptilianos, fará de tudo para não deixar a Nova Realidade florescer.

Madhu terá que tomar uma difícil decisão. E aprenderá a usar seu poder sombrio em benefício da Luz.

